

UM FILME QUE NÃO SE PODE DEIXAR DE VER

A FILM YOU CANNOT MISS

Stela Nazareth Meneghel



A questão humana (NIKOLAS KLOTZ, 2007).

A figura arquetípica de uma fábrica abre o filme e reaparece ciclicamente a pontuar a ordem capitalística que o filme de Klotz, quase uma parábola, explora de modo admirável. Não mais a fábrica rudimentar dos primeiros tempos do capital, a fábrica desenhada no filme “Homem Elefante” de David Lynch, expelindo fumaça negra e acorrentando prometeicos operários maltrapilhos em suas entranhas, como uma personificação do Hades. Também não é a fábrica centro de sociabilidades e resistências, cenário das lutas sindicais do clássico “A classe operária vai ao paraíso”. Nessas fábricas, nesses tempos, havia uma classe operária organizada e que iria capitanear a luta de classes que nos levaria a um mundo melhor.

Agora a fábrica constitui um cenário *high-tech*, onde os trabalhadores serializados do século XXI, homogeneamente trajados em preto e branco, ocupam a linha de produção e dançam nas raves. Trabalhadores facilmente descartados pelos processos de enxugamento, terceirização e precarização preconizados pelo modelo neoliberal e seguidos à risca pelo

responsável pela gestão de pessoas da fábrica, o psicólogo Simon (Mathieu Amalric)

No filme, mais de 2000 trabalhadores tinham ido ao saco recentemente, através da avaliação criteriosa de Simon que iniciou a limpeza selecionando os velhos, os doentes, os deprimidos, os inaptos, os improdutivos, os desiludidos, os recalcitantes. Klotz puxa a metáfora do campo de concentração em que os kappos somos nós mesmos – trabalhadores e trabalhadoras da saúde, educação, economia, serviço social – exercendo as ações do biopoder: vigilância, controle e eliminação dos indesejáveis. Maltusiano. Assim vamos fazendo pontos, como no outro campo de concentração, construído por Benini em “A vida é bela”.

Nunca fomos tão coagidos a produzir bens supérfluos, nunca o tempo esteve tão estirado e prestes a romper, nunca produzimos tanto para nada. Já não há mais exércitos de reserva, há exércitos de desafiados, excluídos, inúteis, sobrantes, de nada. Agora a tarefa, como diz Simon, é usar a subjetividade para

produzir adesão à missão da fábrica, pra vestir a camiseta, para fazer homens barbados chorarem ou se lançarem na água fria do lago, para produzir uma legião de subalternos competitivos. Subalternos competitivos não representam risco, estraçalham-se entre si e não se organizam em comunidades, grupos ou sindicatos. Individualistas e isolados. Kappos: a vida por uma batata.

Ao realizar uma investigação, a pedido da chefia da empresa, para fornecer o atestado de insanidade a um engenheiro de alto escalão em que há interesse de derrubar, o psicólogo começa a retirar os cadáveres de dentro dos armários e a se dar conta do que está fazendo.

Desta maneira, Simon, o narrador da história, vai se transformando: do sujeito frio, neutro e determinado do início do filme, ele começa a apresentar um comportamento aparentemente desarrazoado. Mas é esse sujeito aparentemente desestabilizado e desmazelado do fim do filme que dá um salto no sentido de analisar criticamente o papel político do trabalho que desempenhava na empresa. Um cara que, através do sofrimento, alcançou um nível maior de consciência e lucidez.

Um filme não linear, em que a relação entre os métodos empresariais modernos e um campo de concentração é tecida de modo sutil e o narrador deixa ao expectador a tarefa de elaborar suas próprias conclusões.